

ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PSICOLOGIA: UMA CONEXÃO POSSÍVEL

Juliana Schmidt Raddatz.¹; Roberta Fin Motta¹

¹Departamento de Psicologia, Centro Universitário Franciscano.

raddatz.ju@gmail.com

roberta.fm@hotmail.com

RESUMO:

Em virtude do crescente número de pesquisas acerca do tema espiritualidade, este trabalho visa apresentar uma revisão bibliográfica assistemática das produções científicas sobre psicologia, saúde e espiritualidade. Esta revisão é um recorte de um Trabalho Final de Graduação sobre o referido tema. Os objetivos visam entrelaçar os conceitos, apresentar pesquisas na área e estabelecer uma discussão possível entre a ciência, espiritualidade e psicologia. Como resultados obtivemos uma visão ampla acerca dos conceitos e a possibilidade de haver dentro do campo da psicologia, espaço para compreender a espiritualidade como ferramenta no contexto terapêutico.

Palavras chave: Psicologia, saúde, espiritualidade.

INTRODUÇÃO:

Muito embora possa se pensar que ciência e espiritualidade são assuntos de difícil conexão acadêmica, essa separação se deu apenas em pouco menos de uma centena de anos para, então ser negligenciado por algumas categorias profissionais, segundo Koenig (2005). Há um crescente número de pesquisas que envolvem e aproximam o tema espiritualidade do campo científico e pesquisadores como Moreira-Almeida (2007, 2009, 2010, 2012), Paiva (2002, 2004, 2007), entre outros que revelam a importância e relevância do tema para as investigações sobre saúde e espiritualidade.

Levanta-se a hipótese de que o tema ainda encontre pouco espaço nas academias e, por este motivo há dificuldade de distanciá-lo do senso comum. Mesmo havendo tímido incorporamento do tema em algumas universidades brasileiras, Ancona-Lopez (2007), ao decorrer sobre a forma de ensino nas instituições de graduação no Brasil, defende a ideia de que ainda é muito precária novas visões e pontos de vista que mudem e desestremem o que já vem tido como certo e funcional. Os estudantes são meros espectadores do que já está imposto, de maneira geral não buscam e não procuram criar o novo. A perspectiva de se estudar a espiritualidade nas instituições abrange este aspecto. A formação do psicólogo, por exemplo, ainda continua e sempre foi fundada em formas clássicas sob a premissa do cientificismo, pois é assim que a psicologia consegue fundar-se como campo de saber. A mera aplicação de técnicas não basta para a psicologia ser eficiente e é preciso que se entenda que a visão de ser humano não deve ser situada e finito, e que as teorias estão sempre incompletas, esperando a produção de novos conhecimentos.

Com tudo, nosso objetivo neste trabalho é acercar o tema espiritualidade inerente ao sujeito humano, segundo James (1902), à percepção da psicologia no contexto de saúde. Complementando esta proposta, faremos uma breve revisão bibliográfica distanciando os temas da visão mística construída em relação a esta questão.

MÉTODO:

Como método, utilizou-se a revisão bibliográfica assistemática propondo uma observação não estruturada. Para tanto, fez-se uma breve análise sobre a contribuição do

conhecimento científico, particularmente no campo da psicologia, para compreender como se dá as relações do tema espiritualidade, saúde e psicologia, tanto para os acadêmicos, como para os profissionais da área.

DESENVOLVIMENTO:

Apesar de que as pesquisas interessadas em associar a saúde à espiritualidade encontrarem um amplo campo de estudo e de debates, e esta temática aparecer no dia-a-dia das práticas em saúde atualmente, na área da psicologia este assunto parece estar distante tanto na atuação dos psicólogos, quanto no meio acadêmico. A psicologia e os psicólogos encontram pouco preparo para referirem este assunto e esta dificuldade se estende no campo da psicologia social e da psicologia clínica. (ANCONA-LOPEZ, 2007).

Pensando neste aspecto, Cavalheiro e Falke (2014), ao realizarem uma pesquisa entre estudantes de psicologia do Rio Grande do Sul para analisar a espiritualidade neste nicho acadêmico, investigaram 1.064 estudantes (672 calouros e 392 formandos) de todas as universidades gaúchas com formandos em 2009. Como instrumento, foram aplicados questionários que avaliam o processo biossociodemográfico, valores e aspectos espirituais e religiosos, Escala de Bem-Estar Espiritual e Subescala de espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais do World Health Organization Quality of Life Group-100. Como resultado, as pesquisadoras comprovaram nos formandos, menor grau de espiritualidade do que na sociedade em geral, revelaram, da mesma forma, que formandos apresentam índices significativamente menores de Bem-Estar Espiritual, e referem também acreditar significativamente menos em Deus como uma força ou energia superior. Assim, a pesquisa revela que provavelmente o curso de psicologia contribua para o declínio da espiritualidade, e alerta para a forma que a espiritualidade pode estar sendo abordada na graduação.

Oliveira e Jungues (2012), de mesma forma, propuseram-se a investigar nos profissionais de psicologia do CAPS e clínicas particulares da cidade de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, como os psicólogos percebem em suas práticas a relação entre espiritualidade e a saúde mental. A amostra foi composta por dez profissionais da área, onde foi aplicada uma entrevista semi-estruturada. As pesquisadoras chegaram a conclusão que os profissionais compreendiam a espiritualidade como fato importante na composição do sujeito, mas não demonstraram esse conhecimento em suas práticas clínicas, pois ficou evidente que nem sempre este conceito foi compreendido como uma visão ampla da vida do paciente.

O autor que podemos relacionar dentro da psicologia é William James, que procurou unir a teoria psicológica ao estudo do sentimento religioso no sujeito. Para o autor, a preocupação principal era a de diferenciar o aspecto institucional e social da religião com a experiência religiosa pessoal, mas à guisa de uma perspectiva psicológica e, em sua natureza, empirista. Analisando os estados da mente, James relaciona a religiosidade com outros sentimentos como o ciúme e a paixão, referindo que a religião acrescenta um encantamento a vida que, de certa forma, não pode ser racionalizada, tão pouco mensurada, por constituir parte de sujeitos totalmente diferentes. Dentro de sua estrutura de pensamento filosófico, James afirma que a religião é verdadeira, pois ao ser vivida pelos seres humanos, influencia suas vidas de forma significativa e é isto o que importa para ser entendido como aspecto científico (JAMES, 1902).

Muito embora a religiosidade e o sentimento religioso tenham sido amplamente definidos em várias teorias e por diversos autores, não só na psicologia, o termo espiritualidade é recente, mas permeia muitos estudos em diversas áreas. Entendida como uma denominação mais ampla do sentido da religiosidade, a espiritualidade rompe com as paredes institucionais e doutrinárias para abranger uma instância mais pessoal e existencial, sendo assim, menos relacionada a rituais e dogmas. Koenig (2012) nos lembra o aspecto espiritual como uma relação com o Sagrado e o transcendente, relacionando Deus como o fim

último associado a um poder supremo, e pode ou não estar relacionada a uma religião. A definição de espiritualidade de Saad (2001), corrobora com a definição de Koenig (2012), pois segundo o autor, a espiritualidade pode ou não ter relação com alguma instituição religiosa e crença, mas baseia-se, principalmente, na busca inerente da espécie humana em conexão com algo maior que si próprio, algo que agregue sentido em sua existência, e se difere da religiosidade, pois a expressão da espiritualidade é que dá sentido a religiosidade. Sendo um sentimento que adere interesse pelos outros e por si, a espiritualidade traz um sentido de significado de vida que se faz capaz de suportar sentimentos próprios como a raiva, culpa e ansiedade.

Todas as religiões convergem para algo em comum que seria a experiência religiosa no sujeito, e tem como base uma realidade mística transformadora e apoderadora na vida e no cotidiano de cada pessoa. A espiritualidade entra, neste sentido, como o contato transcendente a fatos reais e normais da vida, como experimentar uma força interior que supera as próprias capacidades (BOFF, 2006).

O psicólogo na clínica, deve ser interpretado como um facilitador no processo terapêutico. Enquanto ocupar este lugar, é imprescindível que o profissional possa reconhecer a dimensão espiritual do paciente e como parte constituinte da relação construída no setting. (SALDANHA, 1999). Ainda que a psicologia se proponha a entender o homem em sua esfera espiritual, o erro estaria em compreender este sujeito e suas manifestações no campo da espiritualidade de forma mística, como uma expressão de desamparo ou experiência de gozo narcísico, ou de fuga do desamparo para encontrar proteção em um Ser Maior, como muitos profissionais preferem traduzir este comportamento. Este entendimento só seria válido caso estes profissionais estivessem diante de uma religiosidade que fosse construída apenas no registro psíquico e não no registro ontológico de âmbito existencial. Entender a vivência do místico apenas sob o olhar do registro psíquico é não compreender a profundidade do ser humano. O profissional que se propõe a fazer este novo movimento e sustentar o lugar da revelação da condição “Real” (p. 89) humana do paciente, fará com que este paciente ganhe sua autonomia dando luz ao saber que nele emerge. (SAFRA, 2007)

Por haver ainda lacunas na tentativa do conhecimento sobre o funcionamento psicológico humano, a espiritualidade na clínica desenha sua relevância quando diagnósticos errados começam a chegar nos consultórios.

Nesta perspectiva, a psicologia pode dar luz a espiritualidade e estudar o homem como criatura com grande número de ajustamentos, que se organiza socialmente de forma religiosa e oportunística, produto consequente de uma condição tribal, ou entendê-lo como um indivíduo autocrítico, autoafirmativo, em busca pela integridade e interrelação com um Ser maior, como característica principal. “A psicologia que impede a compreensão das potencialidades religiosas do homem, dificilmente poderá ser denominada um 'logos' da psique humana”. (ALLPORT, 1966)

Baseados neste aspecto, podemos perceber que, por mais próximo que a psicologia esteja das questões existenciais de sujeito humano, na sua totalidade, ainda há negligência do assunto tanto na academia quanto na clínica, apesar de não ser uma opinião generalizada. Há também a percepção de que a espiritualidade é facilitadora no processo saúde/doença, porém a espiritualidade não aparece com um tema a ser debatido no setting, tão pouco utilizado como meio de promoção de saúde pelos profissionais da psicologia.

Existe muito conteúdo bibliográfico sobre o tema. Há, porém, na grande maioria, pesquisas que abordem o quanto o profissional e acadêmicos da psicologia mantêm-se alheio aos conteúdos referentes a religiosidade ou espiritualidade de seus pacientes.

Como consequência desta pesquisa, também trouxemos uma diferenciação dos termos espiritualidade e religiosidade, propondo a cada um dos termos sua significação através de autores referentes da área. Também destacamos a relevância do tema para a saúde do sujeito

no que tange a todas as clínicas que se ocupam desta abordagem.

CONCLUSÕES:

Concluimos que os objetivos do trabalho foram alcançados, propondo uma relação possível entre saúde, psicologia e espiritualidade abordando algumas pesquisas e autores que discutem o tema. Da mesma forma, observamos o quanto o assunto é estudado e pesquisado nomeio acadêmico e pode ser ainda ampliado.

Esta pesquisa não tem o intuito de ser generalista, propondo-se apenas a relacionar temáticas. Acreditamos, contudo, que mais pesquisas na área e mais interesse pelo tema, faria com que o caráter místico fosse diluído numa percepção mais apurada acerca dos conteúdos do sujeito humano.

REFERÊNCIAS:

- ALLPORT, G. W. **O desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: Herder, 1966.
- ANCONA-LOPEZ, M. As crenças pessoais e os psicólogos clínicos: orientação de dissertações e teses em psicologia da religião. (p. 186-207) In: ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M. (org.) **Temas em psicologia da religião**. São Paulo: Vetor, 2007.
- BOFF, L. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- CAVALHEIRO, C. M. F; FALCKE, D. Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. **Estudos de psicologia**. v. 31, n. 1, p. 35-44, 2014 .
- JAMES, W. **As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana**. São Paulo: Cultrix, 1902.
- KOENIG, H. G; KING D. E.; CARSON V. B., **Handbook of religion and health**. New York: Oxford University Press, 2012.
- KOENIG, H. G. **A espiritualidade no cuidado com o paciente: Por que, quando, como e o que**. (Editor). São Paulo: FE; 2005.
- OLIVEIRA, M. R., JUNGES, J. R., Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia**, V. 3, n. 17, p. 469-476, 2012.
- SAAD, M.; MASIERO, D.; BATTISTELLA, L. R. **Espiritualidade baseada em evidências**. Acta Fisiatrica. v. 8, n. 3. p:107-12. 2001
- SALDANHA, V. **A Psicoterapia transpessoal**. São Paulo: Rosa dos Tempos; 1999.